



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Bisso Schmidt, Benito

Flávio Koutzii: pedaços de vida na memória (1943-1984) - apontamentos sobre uma
pesquisa em curso

História Unisinos, vol. 13, núm. 2, mayo-agosto, 2009, pp. 190-197

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866833006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^odalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Notas de Pesquisa

Flávio Koutzii: pedaços de vida na memória (1943-1984) - apontamentos sobre uma pesquisa em curso

Flávio Koutzii: Pieces of life in memory (1943-1984) – notes on a current research

Benito Bisso Schmidt¹
bbissos@yahoo.com

Apresentação da problemática

Esta pesquisa, que vem sendo desenvolvida desde 2008, com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS, tem como objetivo a construção da biografia política do militante de esquerda Flávio Koutzii, nascido no ano de 1943 em Porto Alegre. Descendente de famílias imigrantes judias provenientes da Europa central, seu pai, Jacob, foi um importante quadro do PCB nos anos de 1930 e 1940. Na década de 1960, Flávio despontou como o mais importante líder do movimento estudantil porto-alegrense. Em 1963, filiou-se ao PCB e, posteriormente, engajou-se na oposição clandestina à ditadura civil-militar instaurada em 1964. Inicialmente, ingressou na Dissidência Leninista do Rio Grande do Sul, a qual, algum tempo depois, fundiu-se com o Partido Operário Comunista (POC) paulista, por sua vez, uma dissidência da Política Operária (POLOP)². Diante do recrudescimento da repressão governamental, Flávio Koutzii deixou o país em 1970, seguiu para a França, Chile e estabeleceu-se na Argentina em 1972. Neste último país, engajou-se no *Partido Revolucionário de los Trabajadores – Ejército Revolucionario del Pueblo* (PRT-ERP), que praticava a luta armada contra os poderes constituídos. Foi preso pelos órgãos de segurança argentinos em 1975 e libertado em 1979, em consequência de uma campanha internacional de solidariedade, capitaneada por sua mãe, Clara, e por sua companheira, Norma Espíndola. Seguiu, então, para a França, onde se diplomou em Sociologia na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, com a tese *Système et contre-système carcéral pour les prisonniers politiques en Argentine – 1976-1980*, orientada por Claude Lefort, que serviu de base para seu livro *Pedaços de morte no coração* (Koutzii,

¹ Doutor em História pela UNICAMP. Professor do Departamento e do PPG em História da UFRGS. Diretor do Memorial da Justiça do Trabalho no RS.

² Para uma caracterização dos diferentes grupos que se engajaram na luta armada contra a ditadura civil-militar brasileira, ver, entre outros: Gorender (1987) e Reis Filho (1990).

1984), cujo título inspira a denominação desta pesquisa. Flávio Koutzii retornou ao Brasil em 1984 e ingressou no Partido dos Trabalhadores, pelo qual se elegeu vereador em 1988. Dois anos depois, foi eleito deputado estadual. Em 2006, quando estava no seu quarto mandato consecutivo na Assembleia Legislativa gaúcha, sempre com votações expressivas, anunciou sua desistência de concorrer a mais uma legislatura, revelando aos meios de comunicação sua decepção com a vida política brasileira. Atualmente, reside e trabalha em Porto Alegre.

Esta breve descrição da trajetória política de Flávio Koutzii já poderia, por si só, justificar a realização de sua biografia, não só pelo que ela revela em termos de experiências individuais significativas, mas igualmente pelo que sintetiza dos percursos de uma geração³: aquela que despontou na cena política latino-americana nos anos 60, sobretudo através do movimento estudantil; engajou-se na oposição às ditaduras de segurança nacional; sofreu a repressão governamental; partiu para o exílio e participou dos processos de redemocratização no subcontinente. Nesse sentido, Koutzii poderia ser pensado como um indivíduo representativo de determinado grupo social. Contudo, nas pesquisas biográficas, a noção de representatividade, frequentemente, leva o investigador a privilegiar aquilo que o personagem focado tem em comum com os seus contemporâneos, o que conduz ao esvaziamento das possibilidades de se pensar o sentido e o papel das ações individuais na História. É o que afirma Souza (2003, p. 96):

A escolha de uma trajetória de vida pelas pesquisas que trabalham com a ideia de representatividade ocorre em função não do que há de singular nessa trajetória. Seu valor está no fato de sintetizar várias outras biografias, presentes no texto através apenas de números e quadros estatísticos. Dessa forma, o que legitima seu estudo continua sendo procedimentos clássicos da história social, pautados na generalização.

Evidentemente, Koutzii – como qualquer pessoa – individualizou-se a partir de múltiplas determinações sociais e atuou em permanente interação com outros indivíduos⁴. O que se busca, então, é, por um lado, compreender esta individualização no seu devir, no seu

fazer-se⁵, com suas ambiguidades e descontinuidades; e, por outro, perceber a singularidade do indivíduo Koutzii como um elemento de tensão que possibilita a incorporação de duas dimensões fundamentais da História: os conflitos e as potencialidades (Loriga, 1998, p. 249). Dessa forma, pretende-se que a biografia proposta permita não apenas – nem preponderantemente – exemplificar movimentos coletivos por meio de um caso individual, mas, sobretudo, “[...] utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico [...]”, levando em conta as incertezas do passado, as possibilidades perdidas e as tensões e diferenças que se escondem por detrás das homogeneidades aparentes: a instituição, o grupo, a linha política, a geração, entre outras (Loriga, 1998, p. 246-247; 249).

Existem inúmeros livros de memórias e de entrevistas, autobiografias e biografias de indivíduos que participaram – de forma mais ou menos direta – da chamada “resistência” ao regime militar. Tais trabalhos, em sua maioria, podem ser encarados, ao mesmo tempo, como fontes de informações factuais e como tentativas de estabelecimento de um sentido correto para os acontecimentos ocorridos no referido período por parte daqueles que os testemunharam⁶. No caso das biografias de ex-militantes da luta armada, grande parte delas escritas por jornalistas e várias amparadas em sólida pesquisa documental, constata-se um forte tom de denúncia das atrocidades cometidas pelos agentes da ditadura e o desejo de revelar “verdades” antes desconhecidas do grande público a respeito dos personagens retratados. No entanto, poucos são os textos que se constituem como biografias históricas, ou seja, como estudos que, tendo por eixo os percursos de determinado indivíduo, buscam responder a problemas de pesquisa de caráter histórico.

Assim, a pesquisa proposta pretende responder às seguintes questões:

(i) De que forma uma determinada tradição cultural judaica (laica, internacionalista e ideologicamente situada à esquerda), encarnada nas vivências familiares de Flávio Koutzii, participou de sua formação política?

(ii) Como Koutzii conquistou uma posição de liderança junto ao movimento estudantil porto-alegrense – especialmente no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ao longo da década de 1960?

³ Geração aqui não é entendida como uma faixa rígida e compacta de idade, mas como um grupo de pessoas que experimentou, de forma conjunta, alguns eventos marcantes. Nas palavras de Darnton (1987, p. 211, nota 31): “Nascimentos e mortes sobrepõem-se em demasia para serem colocados em categorias distintas, mas as ‘gerações’ podem ser diferenciadas em matéria de eventos experimentados” [grifos no original]. Trata-se de um conceito “elástico” pois “[...] a história ritmada pelas gerações é uma ‘história em sanfona’, dilatando-se ou encolhendo-se ao sabor da frequência dos fatos inauguradores” (Sirinelli, 1996a, p. 134).

⁴ Neste ponto, partimos da afirmação de Elias (1994, p. 55-56) de que “somente através de um processo social de moldagem, no contexto de características sociais específicas, é que a pessoa desenvolve as características e estilos comportamentais que a distinguem de todos os demais membros de sua sociedade. A sociedade não apenas produz o semelhante e o típico, mas também o individual” [grifos no original].

⁵ Parodiando a tradução brasileira da expressão making, que dá título à conhecida obra do historiador britânico E.P. Thompson (1987).

⁶ Para uma análise dessas obras, ver: Cardoso (1994); Fico (2004) e Martins Filho (2002).

(iii) Como o personagem vivenciou a luta contra as ditaduras de segurança nacional no Brasil e na Argentina, a prisão, o exílio e a redemocratização política?

(iv) De que maneira Koutzii construiu e constrói suas lembranças a respeito desses acontecimentos? Como o personagem é lembrado por seus contemporâneos? Que silenciamentos e esquecimentos perpassam tais memórias? Que mudanças se verificam nessas elaborações do passado?

Cabe, ainda, esclarecer as delimitações temporais da pesquisa. A escolha recai sobre o período que vai de 1943 (nascimento de Koutzii) a 1984 (volta do militante ao Brasil). Obviamente, esses anos não se constituem em marcos rígidos, já que se pretende analisar fenômenos cuja temporalidade não obedece a balizas cronológicas precisas, como, por exemplo, a tradição cultural judaica da qual faz parte a família de Koutzii e a construção de memórias referentes ao personagem. De qualquer forma, elas servem como indicativos no sentido de organizar os dados investigados. Além disso, a delimitação final (1984) revela que não se tem como objetivo analisar com mais detalhamento a atuação de Koutzii no PT – embora esta repercuta fortemente nas narrativas (escritas e orais) elaboradas sobre a sua atuação pregressa – pois, por um lado, tal análise alargaria excessivamente o escopo da pesquisa e, por outro, poderia impor determinadas pressões políticas atuais, tanto sobre o personagem quanto sobre o pesquisador.

Referenciais teóricos

Construindo a biografia política de um militante

Diversos textos já foram escritos sobre as chamadas “voltas” da biografia e da história política ao primeiro plano da cena historiográfica, depois de algumas décadas de ostracismo, em função da preferência das tendências dominantes da disciplina histórica pelas grandes estruturas, pelas metodologias quantitativas e pela temporalidade da longa duração. Assim, não parece ser necessário examinar novamente tal mudança de perspectiva analítica, até porque ela diz respeito, sobretudo, à historiografia francesa e, mais especificamente, à trajetória da *École des Annales*, embora com repercussões importantes em várias realidades historiográficas nacionais⁷. De qualquer forma,

talvez não seja demais assinalar que a pesquisa proposta não tem como finalidade a construção de uma biografia apologética de Koutzii, focada nos seus grandes feitos, expressa em uma narrativa linear que evidencie sua evolução política e/ou sua predestinação à militância. O que se busca é compreender as experiências do personagem em sua historicidade, como expressões da tensão entre escolhas individuais e determinações sociais.

Um dos objetivos da pesquisa é examinar o papel que uma determinada tradição cultural judaica, encarnada nas vivências familiares de Koutzii, teve na sua formação política. Sobre esse ponto, é preciso deixar claro, em primeiro lugar, que não se considera tradição como um patrimônio mnemônico congelado no tempo, transmitido inalteradamente de geração à geração; ao contrário, quer-se perceber tais elementos culturais enquanto frutos de contínuas reelaborações e invenções, ligadas a contextos históricos específicos (Hobsbawm e Ranger, 1997). Além disso, entende-se que essa tradição – que Koutzii afirma fazer parte de seu “DNA político e ideológico” (Koutzii, 2003a) – não pode ser vista como responsável por uma predisposição “natural” do personagem ao engajamento em determinados projetos políticos. A tradição, sem dúvida, esteve presente no seu ambiente familiar – na forma de narrativas orais, de leituras compartilhadas e de redes de sociabilidade⁸ –, mas foi apropriada de maneira criativa e seletiva por Koutzii, em função de um sem número de outras vivências e influências que constituíram a sua trajetória. De qualquer forma – e esse ponto já remete à problemática da construção da memória que será tratada no próximo item –, é importante indagar sobre o porquê dessa tradição ser constantemente evocada pelo personagem para explicar a sua militância e o seu destino político.

Compartilha-se, portanto, da crítica de Bourdieu (1996, p. 183) à noção de senso comum, mas incorporada “como contrabando” no universo científico, de que a vida é uma história, ou seja,

[...] um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um cursus, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional [...], que tem um começo [...], etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade [...], um fim da história.

Essa noção ancora-se no pressuposto “[...] de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado,

⁷ Sobre a “volta” da biografia, ver: *Problèmes et méthodes de la biographie* (1985); Levi (1996); Loriga (1998) e Dosse (2005). A respeito do “retorno” da história política, a referência principal é Rémond (1996).

⁸ Entende-se sociabilidade no sentido proposto por Sirinelli (1996b, p. 252-253): ao mesmo tempo como “redes” que estruturam e como “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular.

que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto [...]” (Bourdieu, 1996, p. 184).

Nesta pesquisa, entende-se que Koutzii não estava predestinado a ser um militante de esquerda; da mesma forma, suas experiências políticas não seguiram um encaimento lógico, linear, necessário e coerente (embora a coerência seja um valor prezado por boa parte dos militantes políticos). Compreende-se, pelo contrário, os percursos do personagem como resultados de escolhas realizadas em campos de possibilidades social e historicamente delimitados (Ginzburg, 1989, p. 183), o que implica “[...] recuperar os desvios, as fissuras e os acidentes, mas também as potencialidades do passado” (Loriga, 1998, p. 248), e considerar as hesitações, as incertezas e as ambiguidades próprias a qualquer escolha. Em consequência, uma das reflexões que deverá acompanhar – como horizonte teórico e ético – a construção da biografia de Koutzii é a que diz respeito à verdadeira amplitude da liberdade de escolha, levando-se em conta que essa “[...] não é absoluta: culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada, [mas] ela continua sendo, no entanto, uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores” (Levi, 1996, p. 179).

Optou-se por enfatizar, na investigação proposta, a militância política de Koutzii em diversos tempos e lugares: (i) no movimento estudantil porto-alegrense, (ii) nas organizações que faziam oposição às ditaduras civis-militares no Brasil e na Argentina, (iii) na prisão, (iv) no exílio na França e (v) nos primórdios da redemocratização política brasileira. Tal escolha não implica negligenciar as múltiplas experiências não propriamente políticas, em sentido estrito, do personagem, mas acarreta priorizar um ângulo de observação de sua vida: aquele que focaliza suas ações e concepções relacionadas ao poder político, ou seja, ao poder encarnado/emanado no/do Estado. Dessa forma, as demais experiências de Koutzii são consideradas na medida em que ajudam a explicar suas vivências propriamente políticas.

A opção por esse enfoque – o de uma biografia política – não é estranha à representação pública que Koutzii faz de sua vida, a qual, de acordo com suas palavras, é “uma vida que fundamentalmente se dirigiu à política desde muito cedo” (Koutzii, 2003b). Se, por um lado, como foi antes indicado, a frase expressa uma ilusão biográfica, no sentido de que ordena os elementos dispersos e heterogêneos de uma existência, permitindo que essa se transforme em uma história (Bourdieu, 1996), por outro, ela se ancora em experiências muito concretas, precoces e recorrentes de militância política. Tais observações ajudam a legitimar a perspectiva analítica escolhida, evidenciando sua adequação ao objeto investigado.

Também está subjacente a esta proposta de pesquisa a ideia de que examinar o âmbito da política pela ótica da biografia permite entender, de forma mais nuançada, as tradições culturais, as motivações afetivas, as sensibilidades, os valores, as redes de sociabilidade que conformam e possibilitam as experiências, projetos e ideais dos agentes políticos, sobretudo de militantes que, como Flávio, dedicaram e dedicam parte considerável de seu tempo e de suas energias às lutas políticas. Afinal, como ressalta Garcia (1997, p. 322), a militância, por mais disciplinada que seja,

[...] não é o resultado da ação de autômatos, de indivíduos abstratos que atuam mecanicamente em função de sua ‘consciência de classe’, ou das diretrizes políticas que emanam do partido, tudo isso dentro de um determinado contexto político nacional e internacional. Os militantes são pessoas concretas, homens e... mulheres, portadores de valores éticos, de convicções políticas, de influências religiosas e refletem, no seu cotidiano, sua formação cultural, seus antecedentes familiares e um conjunto de ‘determinações’ que incidem na forma pela qual ‘aplicarão’ a ‘linha’ do partido na sociedade, seja através de um discurso, de um panfleto, de outras formas de agit-prop ou de uma ação violenta, armada.

Busca-se, então, investigar os percursos de uma dessas pessoas concretas, para, por meio dela, compreender processos, causalidades, ações e representações que, normalmente, ganham pouca (ou nenhuma) atenção nos estudos voltados ao campo da macropolítica, como, por exemplo, naqueles que têm por eixo a análise dos programas partidários e das estatísticas eleitorais.

Memórias, esquecimentos e silêncios

A pesquisa proposta também tem como um de seus objetivos analisar as memórias construídas sobre a militância política de Flávio Koutzii, tanto por ele próprio quanto por seus contemporâneos. Para esta reflexão, parte-se da tradição sociológica de estudos da memória inaugurada por Halbwachs (1990), segundo a qual todo o processo de rememoração envolve sempre uma dimensão coletiva. Nas palavras do autor,

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam

lá, que se distingam materialmente de nós; porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p. 26).

Isto acontece porque toda a lembrança apoia-se em “quadros sociais”, ou seja, nos grupos dos quais a pessoa que lembra fez ou faz parte. Nas memórias de Koutzii – registradas por escrito ou expressas na forma de depoimentos orais –, os principais quadros sociais evocados são a família, a chamada “geração 68” e os companheiros de militância. Em seu livro *Pedaços de morte no coração*, esta interpenetração entre o individual e o coletivo se expressa no uso ora da primeira pessoa do singular, ora da primeira pessoa do plural. Assim, por exemplo, em um trecho do Prefácio, Koutzii (1984, p. 11, 13-14) ressalta: “[...] faço este trabalho por mim e para mim”; para, alguns parágrafos depois, afirmar: “Daquela vez nós fomos vencidos”; e ainda: “Este livro quer explicar como nós resistimos a isso”.

Ainda segundo Halbwachs (1990), a memória individual resulta do cruzamento de múltiplas correntes de memória coletiva, o que confere singularidade e dinamismo às lembranças de cada pessoa. Citando novamente o sociólogo:

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. [...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (Halbwachs, 1990, p. 51).

Busca-se, portanto, ao longo da pesquisa, examinar as memórias coletivas que se cruzam nas lembranças de Koutzii, sem deixar de levar em conta a singularidade de seu ponto de vista sobre essas: o que, da “massa de lembranças comuns”, apareceu com mais intensidade para ele; a maneira como ele se aproveitou do “instrumento

comum”. Nesse ponto, cabe apontar a crítica de Paul Ricoeur (2007) ao dogmatismo sociológico presente em alguns momentos da obra de Halbwachs (1990), no sentido de negar a singularidade da memória individual⁹. Afinal, de acordo com o primeiro, “[...] é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social. Ora, esse ato de recordação é cada vez mais nosso. Acreditá-lo, atestá-lo não pode ser denunciado como uma ilusão radical” (Ricoeur, 2007, p. 133).

Pesquisas recentes realizadas por sociólogos, antropólogos e historiadores têm discutido algumas das formulações de Halbwachs (1990). Em vez de ressaltarem o caráter espontâneo da memória coletiva e sua força quase institucional, esses estudos procuram mostrar como determinadas lembranças se tornam coletivas e, para tanto, examinam os “processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (Pollak, 1989, p. 4). Prefere-se, assim, falar em “memória enquadra”, e não em “memória coletiva”, já que ela resulta de um “trabalho de enquadramento”, o qual “reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro” (Pollak, 1989, p. 9-10)¹⁰. O enquadramento de determinadas lembranças, que passam a ser consideradas como coletivas, tem efeitos poderosos sobre as lembranças individuais, as quais procuram, em nome da integração ao grupo, também enquadrar-se nessa memória dominante. Tal trabalho de enquadramento motiva silêncios e esquecimentos relativos às recordações menos oficiais, mas não apaga totalmente as lembranças dissidentes; estas permanecem furtivamente circulando “[...] nas redes familiares e de amizade, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas” (Pollak, 1989, p. 5).

Com a redemocratização política ocorrida no início da década de 1980 em diversos países latino-americanos, as lembranças da geração que combateu as ditaduras civis-militares deixaram de ser dissidente ou subterrânea e de circular apenas nas redes informais, para ganhar o espaço público e se tornar oficial¹¹. Como essas recordações foram enquadradas? De maneira geral, construiu-se a memória de uma geração rebelde, contestadora, disposta a lutar contra todos os tipos de dominação (da dominação masculina à dominação estatal, passando pela dominação burguesa), generosa, ingênua, idealista e imbuída de nobres ideais. As reminiscências de Koutzii sobre sua militância política foram expressas publicamente nessa conjuntura e, em vários sentidos, dia-

⁹ Na obra póstuma *A memória coletiva*, Halbwachs (1990, p. 47) chega a afirmar: “Não somos senão um eco”.

¹⁰ A noção de “enquadramento da memória” provém do trabalho de Roussio (1985), que examina como a “memória coletiva” francesa a respeito do governo de Vichy se modificou em diferentes conjunturas políticas.

¹¹ Ver, para o caso argentino, o estudo de Sarlo (2007). No que tange à realidade brasileira, algumas considerações sobre esse ponto aparecem em Reis Filho (1997); Schmidt (2006, 2007).

logam com a memória enquadrada caracterizada acima. Assim, ele diz não querer nem sacralizar nem mitificar a “geração 68”, à qual pertence e da qual é considerado um representante autorizado, mas, ao mesmo tempo, revolta-se contra aqueles que tentam destruir o seu legado principal: o valor da rebeldia. Koutzii é, simultaneamente, uma testemunha e um estudioso da agitação política dos anos 1960 e 1970. Ele procura entender racionalmente como aqueles acontecimentos foram possíveis – a partir da perspectiva do materialismo histórico –, mas também evoca a paixão que caracterizou a sua geração¹². Todos esses fatores ajudam a compreender a conformação de suas lembranças e as tensões que nelas se manifestam entre memória individual e memória enquadrada/coletiva. Da mesma forma, as recordações a respeito de Koutzii, evocadas por seus contemporâneos, também acabam sendo tributárias dessa memória enquadrada: nelas, o personagem desponta, preponderantemente, como um “guru”, o “líder” da geração 68 porto-alegrense¹³.

Para além dessa conjuntura específica, é importante lembrar que:

[...] o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (Bourdieu, 1996, p. 184).

Deve-se igualmente levar em conta que:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 5).

Tendo em vista tais considerações, procura-se entender, nesta pesquisa, a maneira como Koutzii construiu e constrói, nas narrativas que elabora sobre si, a lógica de sua vida, elegendo determinadas lembranças para conferir consistência e constância, continuidade e coerência às suas múltiplas experiências. Além disso, quer-se investi-

gar os silêncios, esquecimentos e lembranças dissidentes geradas pelo esforço do narrador em tornar razoável a sua existência. De forma semelhante, indaga-se sobre o enquadramento das memórias construídas a respeito de Koutzii por seus contemporâneos, o que suscita um novo questionamento sobre silêncios, esquecimentos e lembranças subterrâneas, dessa vez em âmbito coletivo.

Metodologia e fontes

A pesquisa tem como fontes principais: (i) as memórias registradas por escrito ou expressas em depoimentos orais pelo próprio Flávio Koutzii e por outras pessoas que a ele se referem; (ii) a imprensa periódica, tanto a chamada grande imprensa como a alternativa; (iii) a documentação que compõe o Acervo da Luta contra a Ditadura, ligado ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul; e (iv) o acervo pessoal do militante, em especial os documentos reunidos por Norma Espíndola e Clara Koutzii, relativos à sua prisão e à campanha internacional em prol de sua libertação.

Os acervos documentais elencados não constituem peças de um quebra-cabeça, partes que se encaixam perfeitamente umas com as outras para formar um todo harmonioso, uma imagem clara: a biografia de Flávio Koutzii. Na verdade, em cada acervo, seguidamente, encontram-se imagens conflitantes a respeito do personagem, com contornos que, ao invés de se encaixarem, tensionam as demais peças; figuras que, longe de se harmonizarem, disputam a primazia do conjunto. Assim, tem-se, entre muitos outros, o Flávio “guru” e “líder” nas lembranças de vários de seus contemporâneos; o Flávio “perigoso subversivo” nos documentos policiais e em diversas notícias da imprensa; o Flávio debilitado pela doença e vítima das violências perpetradas pela ditadura argentina nos documentos produzidos ou recolhidos por Norma Espíndola e por Clara Koutzii; o Flávio melancólico nas cartas por ele escritas da prisão; o Flávio reconciliado com o passado nas suas entrevistas atuais.

Assim, é preciso considerar, na análise, as relações existentes entre os documentos integrantes de cada um desses conjuntos de fontes, a lógica que presidiu a formação, a organização e a preservação desses acervos. Por exemplo: a polícia política reunia documentos para comprovar a culpa dos subversivos (atestando suas atividades políticas clandestinas) e para controlar os movimentos destes. Norma e Clara coletavam provas da saúde frágil de Flávio no cárcere,

¹² Estas avaliações de Koutzii (1987) a respeito da geração 68 estão presentes no texto de sua autoria *Che: o contexto histórico e a história do contexto* (Koutzii, 1987). Um pouco mais de dez anos depois, elas foram retomadas, com poucas alterações, na conferência feita por Koutzii – também intitulada *O contexto histórico e a história do contexto* – na abertura do seminário 1968: o ano que jamais terminará! (título bastante significativo), promovido pelo Departamento de História da UFRGS. Porto Alegre, em 6 de agosto de 2008.

¹³ Expressões encontradas nos textos *A tomada do RU*, de Uirapuru Mendes (estudante de Filosofia na UFRGS entre 1966 e 1968) e *As aulas da Dona Helga*, de Sandra Pesavento (estudante de História na UFRGS, na segunda metade da década de 1960), respectivamente (in Guedes e Sanguinetti, 1994, p. 146 e 215).

a fim de sensibilizar os destinatários de sua campanha, bem como procuravam ter um certo controle dos diversos passos desse movimento no sentido de verificar sua eficácia e de planejar as próximas ações. Da mesma forma, é necessário compreender os diálogos/conflitos que se estabelecem entre os conjuntos documentais. Por exemplo, as narrativas sobre Flávio presentes na imprensa alternativa (em geral positivas) seguidamente respondem às narrativas elaboradas a respeito dele pela polícia política e pela grande imprensa (em geral negativas). Enfim, tal pesquisa requer não apenas uma atenção ao conteúdo de cada documento, mas também à posição que eles ocupam em conjuntos mais amplos. Como afirma Le Goff (1990, p. 548), “[...] importa não isolar os documentos do conjunto de monumentos de que fazem parte”. Afinal,

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. [...] É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (Le Goff, 1990, p. 547-548).

Por outro lado, é preciso considerar que esses documentos também oferecem informações factuais que podem ser consideradas verdadeiras, ao menos no interior das convenções culturais e linguísticas que regem nossa vida social. Assim, por meio deles, é possível saber, por exemplo, que Flávio foi procurado pela polícia brasileira no início da década de 1970, que foi preso na Argentina em 1975, que sua mãe e sua companheira organizaram uma campanha pela sua libertação, que escreveu um livro em 1984 e que hoje ele é frequentemente lembrado por seus contemporâneos como um líder estudantil destacado. Portanto, ao longo da investigação, procura-se estar atento tanto para *o que* dizem as fontes, quanto para *como* elas dizem; tanto para os *dados empíricos* nelas contidos, quanto para o *sentido* que elas constroem a respeito do passado, sendo que esses dois aspectos mostram-se indissociáveis na prática. O maior desafio é, justamente, construir uma narrativa a respeito de Koutzii, que dê conta desta factualidade e que também incorpore as múltiplas vozes que a ele se referem, sem subordiná-las a um todo homogêneo, desprovido de arestas, contradições e conflitos.

No que tange especificamente às fontes orais, também são válidas as considerações feitas acima. Segundo James (2004, p. 125-126), “[...] a história oral pode proporcionar acesso a informações empíricas básicas impossíveis de se obter em outras fontes mais tradicionais [...]”. Porém, ressalta o autor, por sua qualidade subjetiva e textual, o testemunho oral também “[...] nos permite abordar a questão da agência e a subjetividade na história” e, por isso, deve-se considerar “[...] que a forma da narração oral é tão significativa como o conteúdo”. Além disso, é preciso considerar ao menos três características inerentes à fonte oral: (i) ela é produzida para ser fonte; (ii) ela é produzida do presente para o passado, ou seja, a temporalidade da narrativa é diferente da temporalidade da experiência (e, por isso, trata-se de uma ótima fonte para a análise dos processos de construção de memórias); e (iii) ela é produzida, no mínimo, a dois, na relação dialógica entre entrevistador e entrevistado. Em relação a este último ponto, é preciso lembrar que Koutzii está acostumado a dar entrevistas sobre seu passado, e que já construiu uma versão bastante solidificada sobre sua militância política. Por isso, prevê-se a realização de várias entrevistas com ele, a fim de que seja possível detectar e compreender os silêncios, os esquecimentos e as lembranças dissidentes subjacentes à sua narrativa de si.

Referências

- BOURDIEU, P. 1996. A ilusão biográfica. In: J. AMADO; M.M. FERREIRA (orgs.), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, p. 183-191.
- CARDOSO, L.C. 1994. Construindo a memória do regime de 64. *Revista Brasileira de História – Brasil, 1954-1964*, 14(27):179-196.
- DARNTON, R. 1987. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo, Companhia das Letras, 272 p.
- DOSSE, F. 2005. *Le pari biographique. Écrire une vie*. Paris, La Découverte, 480 p.
- ELIAS, N. 1994. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Zahar, 204 p.
- FICO, C. 2004. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro, Record, 394 p.
- GARCIA, M.A. 1997. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. *Cadernos Pagu*, 8-9:319-342.
- GINZBURG, C. 1989. Provas e possibilidades à margem de ‘Il ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis. In: C. GINZBURG, *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, p. 179-202.
- GORENDER, J. 1987. *Combate nas trevas*. São Paulo, Ática, 294 p.
- GUEDES, P.C.; SANGUINETTI, Y. (orgs.). 1994. *UFRGS: identidade e memórias – 1934-1994*. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 256 p.
- HALBWACHS, M. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 198 p.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. 1997. *A invenção das tradições*. São Paulo, Paz e Terra, 316 p.
- JAMES, D. 2004. *Doña María. Historia de vida, memoria e identidad política*. Buenos Aires, Manantial, 291 p.

- KOUTZII, F. 2003a. Entrevista a Benito Schmidt, João Alexandre Fontoura Corrêa, Juliano Doberstein e Miguel Idiart Gomes. Projeto "História e memórias do PT gaúcho (1978-1988)". Porto Alegre, fev.
- KOUTZII, F. 2003b. Entrevista à TVE/RS. Tema: "Luta contra a ditadura". Porto Alegre.
- KOUTZII, F. 1987. Che: o contexto histórico e a história do contexto. In: F. KOUTZII; J. C. LEITE (orgs.), *Che 20 anos depois: ensaios e testemunhos*. São Paulo, Busca Vida, p. 42-66.
- KOUTZII, F. 1984. *Pedaços de morte no coração. O depoimento de um brasileiro que passou quatro anos no inferno das prisões políticas da Argentina*. Porto Alegre, L&PM, 160 p.
- LE GOFF, J. 1990. Documento/Monumento. In: J. LE GOFF, *História e memória*. Campinas, UNICAMP, p. 535-549.
- LEVI, G. 1996. Usos da biografia. In: J. AMADO; M.M. FERREIRA (orgs.), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, p. 167-182.
- LORIGA, S. 1998. A biografia como problema. In: J. REVEL (org.), *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, FGV, p. 225-249.
- MARTINS FILHO, J.R. 2002. A guerra da memória. A ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. *Varia História*, 28:178-201.
- POLLAK, M. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10):200-212.
- POLLAK, M. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3):3-15.
- PROBLÈMES ET MÉTHODES DE LA BIOGRAPHIE. 1985. *Actes du Colloque*. Paris, Sorbonne, 271 p.
- REIS FILHO, D.A. 1990. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 200 p.
- REIS FILHO, D.A. 1997. Um passado imprevisível: a construção da memória da esquerda nos anos 60. In: D.A. REIS FILHO *et al.*, *Versões e ficções: o sequestro da história*. São Paulo, Perseu Abramo, p. 31-46.
- RÉMOND, R. (org.). 1996. *Por uma história política*. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 468 p.
- RICOEUR, P. 2007. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, UNICAMP, 536 p.
- ROUSSO, H. 1985. Vichy, le grand fossé. *Vingtième Siècle*, 5:55-80.
- SARLO, B. 2007. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo/Belo Horizonte, Companhia das Letras/UFMG, 136 p.
- SCHMIDT, B.B. 2006. "Années de plomb": la bataille des mémoires sur la dictature civile-militaire au Brésil. *Cahiers d'Histoire. Revue d'histoire critique*, 99:85-102.
- SCHMIDT, B.B. 2007. Cicatriz aberta ou página virada? Lembrar e esquecer o Golpe de 1964 quarenta anos depois. *Anos 90*, 14(26):127-156.
- SIRINELLI, J-F. 1996a. A geração. In: J. AMADO; M.M. FERREIRA (orgs.), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, p. 131-137.
- SIRINELLI, J-F. 1996b. Os intelectuais. In: R. RÉMOND (org.), *Por uma história política*. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, p. 231-269.
- SOUZA, A.B. 2003. Trajetórias militares, política imperial e escrita da história. *Métis: história & cultura*, 2(3):95-108.
- THOMPSON, E.P. 1987. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 204 p.

Submetido em: 29/04/2009

Aceito em: 13/05/2009

Benito Bisso Schmidt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
Av. Bento Gonçalves, 9500, Bloco 3,
Prédio A, Sala 116,
91540-000, Porto Alegre, RS, Brasil